

CONHECENDO A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA MULHER CEGA

Yane Dantas de Lima¹
Soraia Carvalho de Souza²
Luana de Oliveira Viegas³

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, as pessoas com deficiência foram excluídas do contexto social e tiveram seus direitos à vida, à educação, à inclusão social, dentre outros, negados. Mais recentemente, com o advento da educação inclusiva, pessoas com deficiência visual frequentam escolas comuns. Contudo, muitos adultos, hoje, não tiveram essa oportunidade na infância.

A pesquisa objetivou conhecer através de uma roda de conversa, a trajetória de vida de uma mulher adulta, mãe, funcionária pública e, cega a partir dos vinte anos de idade.

A metodologia empregada privilegiou uma roda de conversa com uma mulher cega e alunos dos cursos de licenciatura e de bacharelado em Ciências Biológicas da UEPB campus João Pessoa com moldes de uma pesquisa quanti-qualitativa com aplicação de um formulário online aplicado com os mesmos. Esta roda de conversa é uma das atividades desenvolvida pelo projeto de extensão da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – campus João Pessoa (CCBSA) intitulado ‘*CampusVin – campus V inclusivo: novas perspectivas*’. Que foi desenvolvido entre os meses de fevereiro de 2023 e março de 2024 buscando em suas ações conscientizar para a temática de inclusão através das atividades desenvolvidas durante o decorrer desses meses de projeto.

Destacamos alguns resultados, dentre eles, que mais de 50% dos participantes nunca tiveram contato com pessoas cegas e que quase 80% afirmaram que a tecnologia atual auxilia a vida de um cego. E ao serem indagados sobre o momento da roda de conversa, destacamos a resposta “Me inspirou bastante com sua história de vida brilhante”. E escolhemos como respostas de lição e/ou aprendizado que tiveram após ouvirem a trajetória de vida desta mulher cega que: “Desde cedo, mesmo enfrentando a perda de sua visão, não abandonou seus sonhos

¹ Licencianda de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, campus João Pessoa – PB, yane.lima@aluno.uepb.edu.br;

² Doutora dos cursos de Bacharelado e de Licenciatura da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – campus João Pessoa – PB, soraia.cs@servidor.uepb.edu.br;

³ Licencianda de Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, campus João Pessoa – PB, luana.viegas@aluno.uepb.edu.br;

e hoje é uma das maiores referências para mim em resiliência e força” e “mesmo que existam adaptações para pessoas cegas, ainda assim, não é o suficiente para suprir suas necessidades, então o mais lógico seria encontrar melhorar ou criar outras adaptações para essas pessoas”. Vale salientar que apesar de todas as dificuldades mencionadas durante a roda de conversa por esta mulher cega, hoje ela nos inspira para sermos cidadãos mais conscientes e melhores.

METODOLOGIA

A metodologia empregada privilegiou uma roda de conversa com uma mulher cega e os alunos dos cursos de licenciatura e de bacharelado em Ciências Biológicas da UEPB campus João Pessoa com moldes de uma pesquisa quanti-qualitativa com aplicação de um formulário online aplicado em momento subsequente a referida roda de conversa com os referidos discentes acerca de indagações pertinentes a referida roda de conversa e a respeito da inclusão.

Esta roda de conversa é uma das atividades desenvolvida pelo projeto de extensão intitulado ‘*Campus Vin – campus V inclusivo: novas perspectivas*’. Que foi desenvolvido entre os meses de fevereiro de 2023 e março de 2024 buscando em suas ações conscientizar para a temática de inclusão através das atividades desenvolvidas durante o decorrer desses meses de projeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com o art. 5º da Constituição Federal de 1988 “Todos são iguais perante a Lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]”.

A cidadania enfrenta novos desafios, busca novos espaços de atuação e abre novas áreas por meio das grandes transformações pelas quais passa o mundo contemporâneo, é importante ter o conhecimento de realidades que, no passado, significaram e, no presente, ainda significam passos relevantes no sentido da garantia de um futuro melhor para todos.

De acordo com a Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015 no seu artigo 2º - a Lei Brasileira de Inclusão, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. Sendo um conceito em evolução e é composta pela interação de três dimensões

principais: os impedimentos, as barreiras e as restrições de participação dessas pessoas quando comparamos com o restante da população. E à medida que a população vai envelhecendo, impedimentos vão surgindo, como, por exemplo, menor acuidade visual, auditiva ou motora. Isso explica o alto percentual de pessoas na faixa etária acima de 60 anos com deficiência, no qual a proporção é de uma a cada quatro pessoas com algum tipo de deficiência.

É bastante importante conhecer os diferentes tipos de deficiências, bem como preveni-las e, nos casos em que a deficiência já se encontra instalada, promover a reabilitação e o resgate da autoestima, potencializando as possibilidades de inclusão social/escolar. A legislação atual vem dando suporte às iniciativas que visam à inclusão, contribuindo com quebra de barreiras e garantindo o direito de ir e vir das pessoas com deficiência. Para que a educação inclusiva torne-se realidade, é preciso, também, que os sistemas educacionais oportunizem cursos de formação aos seus educadores para atuarem com alunos com necessidades educacionais especiais.

A deficiência visual caracteriza-se pela impossibilidade de apreender informações através da visão. Existem dois tipos de deficiência visual, diagnosticadas por meio da avaliação da capacidade visual pela acuidade (discernimento de formas) e pelo campo visual (capacidade de perceber a amplitude dos estímulos), são elas: cegueira e baixa visão. Acredita-se que tanto indivíduos com cegueira como com baixa visão, uma vez privado desse órgão, pode enfrentar diversos obstáculos durante toda a vida (NUNES, LOMÔNACO, 2008).

O período da vida em que se adquire a deficiência, influencia diretamente na cognição e desenvolvimento da pessoa cega. Nesse sentido, classifica-se a cegueira em congênita ou adquirida. A criança que se torna deficiente visual após os cinco anos de idade já terá praticamente toda a sua potencialidade visual desenvolvida, portanto, poderá guardar imagens em sua memória visual. Crianças com cegueira congênita ou que perderam a visão muito cedo acabam apresentando necessidades de aprendizagem diferentes das demais (BRASIL, 2004).

A luta diária pela inclusão social e por uma melhor comunicação e um adequado desenvolvimento cognitivo faz com que a pessoa com deficiência, não conseguindo usufruir do órgão sensorial visão, utilize alternativas para tentar suprir a falta deste, sejam alternativas originadas naturalmente, como o uso aguçado dos outros órgãos sensoriais, ou provenientes de aspectos tecnológicos, sociais, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os alunos participantes da roda de conversa com a mulher cega a grande maioria tem idades entre 18 e 22 anos e sendo a grande maioria do sexo feminino. A metade deles afirmaram ter tido contato com pessoas com deficiência visual. Todos responderam que é importante o uso de sinalizações no piso para a orientação de pessoas com deficiência visual.

Aproximadamente 80% dos participantes responderam que acreditam que a tecnologia atual consegue auxiliar na vida de uma pessoa cega. Porém, apenas 69% afirmaram que em suas idas ao supermercado ou farmácia visualizaram nas prateleiras algum rótulo ou embalagem que contivessem a escrita Braile.

O percentual de 94% dos entrevistados afirmaram que não consideram os locais públicos presentes nas suas cidades inclusivos para pessoas cegas e todos responderam que as sinalizações de trânsito nas faixas de pedestre da sua cidade não são adequadas para uma pessoa cega. Esses dados corroboram com a realidade que as pessoas com deficiência visual enfrentam no seu cotidiano nos mais diversos locais sejam públicos ou não.

A grande maioria, o percentual de 78% declararam que na instituição onde fazem suas graduações não existem sinalizações para pessoas cegas por todos os percursos do campus.

Alguns dos pesquisados mencionaram sobre os direitos ou proteção legal para pessoas cegas, a saber: “A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), que garante diversos direitos, como acesso à educação, ao trabalho e à informação em formatos acessíveis, como o braille e tecnologias assistivas.”, “Prioridade em filas”, “O direito a gratuidade ao transporte público.”, “Cão guia, escada com acesso inclusivo.”, “o uso de Braille na escrita e leitura dos cegos”.

Na roda de conversa a mulher cega explanou sobre a trajetória de vida após perder a visão aos vinte anos de idade, nesta conversa ela demonstrou muito agradecida pela oportunidade de desenvolver suas atividades como também por ter aprimorado os outros sentidos após ficar cega, sem nenhum motivo aparente, uma vez que a mesma foi dormir enxergando (vidente) e acordou no outro dia cega (não-vidente). Hoje ela é casada, mãe de dois filhos - um rapaz de 22 anos e uma criança de 9 anos, funcionária pública, possui graduação com especializações e é, mestra.

Destacam-se algumas lições mencionadas sobre lição e/ou aprendizado que tiveram após a referida roda de conversa: ***“Me inspirou bastante com sua história de vida brilhante. Desde cedo, mesmo enfrentando a perda de sua visão, não abandonou seus sonhos e hoje é uma das maiores referências para mim em resiliência e força.”***, ***“Que devemos nos***

conscientizar e ajudar as pessoas cegas.”, “Quanto ao tratamento correto para pessoas cegas”, “Que é importante se informar sobre as dificuldades que pessoas cegas passam para poder ajudar e dar apoio.”, “Que mesmo que existam adaptações para pessoas cegas, ainda assim não é o suficiente para suprir suas necessidades, então o mais lógico seria encontrar melhorar ou criar outras adaptações para essas pessoas.”, “Apesar das dificuldades a pessoa tem que ter resiliência e persistência, que a vida não para e é muito mais do que podemos ver.”, “Persistir mesmo na adversidades.”, “A lição que ficou foi que sim pessoas com deficiência visual pode viver uma vida plena e significativa, mesmo enfrentando obstáculos.”, “Que independente de tudo, não devemos nos abalar e devemos seguir a vida com felicidade e força de vontade.”, “Que por ela ser cega não significa que ela seja incapaz de fazer as coisas.”, “Que ela é um motivo de superação.”, “Que nenhum obstáculo pode deter uma pessoa determinada independente do problema.”, “História de superação e mostra que nem tudo devemos ver como uma barreira que irá nos parar que apesar das adversidades é preciso ter uma nova perspectiva e dar a volta por cima e nem tudo será o mesmo muito menos perfeito, mas ainda sim é melhor que se revirar na miséria com a desculpa de que o mundo não é justo com você.”

Foi muito importante esta roda de conversa, pois alguns alunos ao passar por algum problema, já acredita que não tem mais solução e alguns desistem de estudar, trabalhar, ficam de certa forma, sem rumo na vida. E com a trajetória de vida desta mulher determinada que já teve muitos obstáculos e mesmo assim, inspira a todos a sua volta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacamos alguns resultados, dentre eles, que mais de 50% dos participantes nunca tiveram contato com pessoas cegas e que quase 80% afirmaram que a tecnologia atual auxilia a vida de um cego. E ao serem indagados sobre o momento da roda de conversa, destacamos a resposta “Me inspirou bastante com sua história de vida brilhante”. E escolhemos como lição e/ou aprendizado que tiveram após ouvirem a trajetória de vida desta mulher cega que: “Desde cedo, mesmo enfrentando a perda de sua visão, não abandonou seus sonhos e hoje é uma das maiores referências para mim em resiliência e força” e “mesmo que existam adaptações para pessoas cegas, ainda assim, não é o suficiente para suprir suas necessidades, então o mais lógico seria encontrar melhorar ou criar outras adaptações para essas pessoas”. Todos os participantes da roda de conversa declararam que os locais públicos e as sinalizações de trânsito presentes nas suas cidades são insuficientes e preocupantes para as pessoas cegas. Por fim, mesmo enfrentando grandes dificuldades, as pessoas cegas, podem alcançar seus sonhos e conquistar o mundo. Vale salientar que apesar de todas as dificuldades mencionadas durante a roda de conversa a

cerca da trajetória de vida desta mulher cega, hoje ela nos inspira para sermos cidadãos mais conscientes e assim, conhecer nossos direitos e deveres.

Palavras-chave: Mulher cega, Inclusão, Trajetória de vida, Superação, Roda de conversa.

AGRADECIMENTOS

A todos que fazem parte do **LABRINCO** - Laboratório de Recursos Didáticos e Inclusão da Universidade Estadual da Paraíba campus João Pessoa – CCBSA.

REFERÊNCIAS

Brasil. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 05 de maio 2022.

_____. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 30 set. 2021.

NUNES, S. S; LOMÔNACO, J. F. B. Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. São Paulo. Vol. 12 Número 1, páginas 119-138, Janeiro/Junho, 2008.